

Maria de Lourdes Pintasilgo

Intervenção na mesa-redonda: "Existe uma cultura portuguesa?"
PORTO / 1992

1. ^{Vou referir-me a} ~~Gostava de pegar em alguns dos~~ pontos que foram focados por aqueles que me precederam.

O que o Prof. Boaventura Sousa Santos acaba de dizer toca ~~para mim~~ ^{que considero} uma questão essencial: a presença de Portugal junto do Outro raramente nos levou a uma percepção de quem era o Outro. Isso é particularmente claro face ao Outro ^{e portador de uma identidade cultural m. forte} de forma singular, mais diferente de nós - é o caso do Extremo Oriente e, em particular, do Japão. É curioso verificar ^(intermitente, século) que em mais de quatro séculos, (quatrocentos e cinquenta anos!) de contacto com a cultura japonesa, ^{Fundação Cuidar o Futuro} nós temos fontes interessantíssimas vindas ^{H / E} justamente dos frades que foram aqueles que se interrogaram sobre quem era esse Outro e que modificações deviam sofrer os valores, que de algum modo os portugueses veiculavam, face a essas novas culturas. O caso mais ^{obvio} interessante é o do jesuíta João Rodrigues, o ^{que escreveu} Intérprete, que foi o primeiro português a escrever ^{a / a H / pessoa} uma gramática japonesa ^{que escreveu} e cujas cartas, em português muito simples, quase ^{H / A} elementar, para o Geral da Companhia de Jesus em Roma, são a reflexão de alguém que se vê perante um Outro que é radicalmente Outro. E nesse encontro ^{e nessa reflexão} levanta questões sobre a sua própria identidade.

Nós temos vindo a criar, ao longo dos anos, uma certa convicção de que há uma identidade nacional portuguesa, que é "transportada" (como dantes ^{se H / o} transportava o chouriço e o garrafão de vinho), de tal maneira que ^{enigmas} aparece depois



→ não fomos capazes de estabelecer um diálogo que, apesar da extrema alteridade, nos levasse a compreender melhor a nossa própria identidade. ~~foi~~
a ~~exceção~~



mas permanecemos a ^{apenas} nós
sem sinais exteriores de hábitos e
tradições.

encarnada e presente em outras culturas. Se estamos em Malaca ou em Goa, e
vimos as pessoas a dançar o "malhão", achamos isso muito interessante; ^{mas um}
diálogo e a procura da identidade ^{através do confronto com o outro} parece que não tiveram, e continuam a não ter,
tradução real na nossa cultura. H S

Este facto, a meu ver, tem alguma relação com duas questões que o Dr.
Ramada Curto referiu. A primeira é a questão da desarticulação dos saberes, ^{que}
~~se compreende em Portugal, onde as especializações foram relativamente fracas e~~
~~recentes, daí a procura actual de uma grande especialização, desadequada a um~~
~~tempo de complexidade, e de necessidade, por isso mesmo, de "circularidade do~~
~~real, de ver as coisas entrando umas pelas outras e clarificando-se nas interfaces~~
~~umas das outras.~~ ^{e a tempo em todos os domínios} A nossa dificuldade é a de nos colocarmos como protagonistas
desse diálogo e dessa reflexão internacional. 1) 2)

Fundação Cuidar o Futuro

O outro ponto que o Dr. Ramada Curto referiu, ^{quanto} a questão dos mitos
fundadores, sugeriu-me esta interrogação: mas afinal a cultura é algo em si, ou a
cultura supõe primeiro um sujeito? E, se supõe um sujeito, (um sujeito que seria
não sei se a nação, não sei se a realidade local, mas de alguma maneira sempre o
povo português, ^{que se estrutura-se, alimenta-se} ele tem que viver de mitos fundadores. Ora nós, pelo relativismo
que aqui foi referido, estamos numa época em que tudo aquilo que podia ser
acontecimento ou mito fundador de novas etapas e de novos patamares da
identidade portuguesa, ^{acaba por ser rejeitado.} O mito fundador é ideologizado
com que ^{intuições} posições diferentes acabem por se anular entre si, e por ^{ou pessoas}
desfazer em pó a próprio mito. ^{lizado: num} Como noutra
processo,

Está em causa ^{algo} um ponto que o Dr. Pina Cabral referiu: a ^{o facto} questão de existir
uma rede de significados num espaço limitado, em que a formação de uma elite
cultural ou intelectual, aqui ou além ou acolá, não atinge uma suficiente massa

→ 1) Ora, no nosso tempo, a especialização é apenas um dos lados dos saberes. O outro é o ~~seu~~ constante relacionamento ^{de cada área do saber} com outras vertentes áreas. Desaparecida a noção dos grandes englobantes Fundação Guillard e Futuro ^{viria}, pela sua profundidade, o magma cultural ~~em~~ ^{de} que ~~nasce~~ nascem e onde se fundem todos os saberes, é outro conceito que dá sentido à especialização. Falo, naturalmente, da complexidade enquanto ciência de sistemas formados por sub-sistemas (ou elementos) completamente autônomos e intrinsecamente interdependentes.

(Voltar [←] à p. verso (xx))

2) Não há colunas criativas senão nos cruzamentos, nas interfaces, nos nós em que os saberes se articulam.

Mozambique, cedia em Angola, cedia no Brasil) e de repente da transnacionalidade que era possível através do colonialismo, passámos à localidade. Mais uma vez confirmámos esta característica portuguesa de configurar, com alguma dificuldade, esse espaço intermédio cultural. Isto não significa, de modo nenhum, uma negatividade para a cultura portuguesa. É apenas negatividade em função do modo como a definimos como espaço nacional. Como espaço transnacional e como espaço local, ela é realmente muito rica. Só que como espaço nacional ela é fundamentalmente uma fronteira; e era isto que eu gostaria de lançar para o debate.

V.O.J.

Vi Maria de Lurdes Pintasilgo várias vezes parecer concordar com Boaventura de Sousa Santos e não sei se gostaria, dentro da sua perspectiva internacional dos problemas, de dizer alguma coisa sobre estes tópicos.

Maria de Lurdes Pintasilgo

Gostava de pegar em alguns dos pontos que foram focados por ~~esses~~ aqueles que me precederam.

O que o Prof. Boaventura acaba de dizer toca para mim uma questão essencial: ~~que é exactamente a de verificar que essa~~ presença de Portugal junto do Outro raramente nos levou a uma percepção de quem era o Outro. ~~E gostaria de~~ ~~ver~~ ~~o~~ Outro mais diferente ~~na~~ ~~forma~~ ~~de~~ ~~caso~~ do Extremo Oriente e em particular do Japão. É curioso verificar que em mais de quatro séculos, quatrocentos e cinquenta anos, de contacto com a cultura japonesa, nós temos fontes interessantíssimas ~~que possivelmente sem que isto tenha a concordância de~~ ~~muitos dos nossos historiadores~~ vindas ~~do mundo que aqui foi apelidado de~~ ~~Ilhas~~ ~~Vindas~~ justamente dos frades, que foram aqueles que se interrogaram sobre quem era esse Outro e que modificações deviam sofrer os valores, que de algum modo os portugueses veiculavam, face a essas novas culturas. O caso mais interessante é o ~~de~~ João ~~???~~, o intérprete, que foi o primeiro português a escrever uma gramática japonesa e cujas cartas, em português muito simples, quase elementar, para o Geral da Companhia de Jesus em Roma, são ~~justamente~~ a reflexão de alguém que se vê perante um Outro que é radicalmente Outro. E ~~ele~~ levanta questões sobre a sua própria identidade. ~~Eu não estou muito de acordo~~ ~~com o que o Prof. Boaventura disse, na medida em que me parece que~~ nós temos vindo a criar, ao longo dos anos, uma certa convicção de que há uma identidade nacional portuguesa, que é transportada como dantes se transportava ~~que ainda se~~ ~~transporta~~ o chouriço e ~~mais~~ o garrafão de vinho, de tal maneira que aparece depois encarnada e presente em outras culturas. ~~Então~~ se estamos em Malaca ou em Goa, e vemos as pessoas a dançar o ~~Malhão~~, achamos isso muito interessante; mas um diálogo e a procura da identidade parece ~~que~~ não tiveram, e continuam a não ter, tradução real na nossa cultura. ~~Isto~~, a meu ver, tem alguma relação com duas questões que o Dr. Ramada Curto referiu. ~~Na~~ primeira é a questão da desarticulação dos saberes, que se compreende em Portugal, onde as

Ha

1)

HS

Hdo. jesuít

HS/HS

HS

H Isso é particularmente claro face ao HS

HS HS HS

HRodrigues

HS H nesse encontro HS/N

8

HS/S "m/" que

HS/A

↓ H Este facto

ditas aqui de manhã que eu acho muito importantes, enquanto nos interessamos pelo *outra* ou pelos *outras* produzimos, até certo ponto, a nossa identidade. É essa curiosidade pelos *outras*, é a necessidade de conhecer, de aprender, de nos abirmos a tudo o que é universal e a tudo aquilo que existe à nossa volta. Enquanto tivermos essa curiosidade é dessa maneira que nos desenvolvemos e que crescemos e que criamos a nossa própria identidade. Aliás eu tenho a impressão de que em Portugal houve uma experiência espetacular em relação a isso, que foi a experiência do Infante D. Henrique que trouxe para Sagres tudo aquilo que havia de melhor no mundo, em termos de matemáticos, geógrafos etc., e que criaram um centro, o primeiro, como se chama em inglês "think tank", um grupo de pessoas a pensar sobre o que era o resto do mundo e como é que o iriam descobrir. Penso que no momento em que nos preocupamos em definir esta nossa relação com *a outra* ou, pior ainda, quando tentamos transformar *a outra*, nessa altura é que perdemos a nossa identidade. E eu tenho a impressão que o exemplo do colonialismo português e da propagação da fé e aquilo que nós fomos fazer em muitos lados diferentes, é um exemplo perfeito disso. Aliás saiu há pouco tempo um livro do Todorov sobre *a outra* e aquilo que os espanhóis foram fazer na América, que eu acho que é extremamente elucidativo em relação a isso. Tenho a impressão que a cultura portuguesa, ou qualquer cultura, aconteceu precisamente por haver uma abertura, por haver uma possibilidade de assimilação, uma possibilidade de adaptação, o que já foi referido aqui por vários dos interlocutores; eu acho que isso é muito, muito importante, e portanto penso que a cultura em geral, e a portuguesa não é diferente, é um sistema que se desenvolveu na relação entre *a eu* e *a outra* e é uma relação em que cada um destes aprendeu um com o outro. Esta existência do *eu* só tem significado em relação ao *outra*, quando nos definimos em relação ao *outra*, porque *a outra* é essencial para a definição do *eu*. A desconstrução desta dualidade entre o *eu* e o *outra*, é que faz com que a cultura progrida e a existência dos *outras* dentro de *nós*, a plurivalência da nossa sociedade e a permissão da existência de *outras* dentro de *nós*, é que permitiu que houvesse evolução dentro dos países e Portugal não é excepção nenhuma.

Fundação Guitard o Futuro

M. L. P.

Vou tomar exactamente as suas últimas palavras que ~~resumam~~, por assim dizer, a minha reflexão a partir das questões desta manhã. ~~É~~ Não é só o outro, eu e o outro, mas o outro de cada um de nós. ~~É~~ por isso as referências que esta manhã foram feitas à fronteira, à questão da defesa e do mimetismo face ao outro, ~~eu~~ não queremos ser o outro. Tudo isto me leva ~~a interrogar~~ a pôr duas questões. A primeira, que o Dr. Quintanilha referiu *en passant* mas à qual eu queria dar ênfase particular ~~que é realmente esta~~ circunstância de antes do intervalo estarem ~~oitenta e seis~~ ⁸⁶ mulheres e ~~trinta e nove~~ ³⁹ homens na sala e estarem aqui na mesa ~~duas~~ ² mulheres e ~~dezassete~~ ¹⁷ homens. Isto não tem nada que ver com a reivindicação dos direitos das mulheres, ~~não tem nada com isso~~ tem ~~que ver~~ com o outro de nós mesmos, ~~tem que ver~~ com aquilo que nós somos no fundo da nossa própria existência. E por isso mesmo a minha questão é esta: que ameaça ~~existe~~ ^{representa} para a cultura portuguesa ~~na~~ ^{visibilidade} do seu lado feminino?

H resumo

Ha

Hδ Hou

Hmas sim

15/N
15/P

Hδ

1 - H ha
12 - x de

Hδ

Hδ

representa

15

havido, em algumas das intervenções, falta de informação relativamente a este aspecto. Nós no presente momento em Portugal não estamos de forma alguma a ver um colapso de formas locais de vivência cultural. Pelo contrário, o que os antropólogos que se têm dedicado a tentar estudar estas formas pelas quais as culturas se simbolizam a si próprias, se reflectem, estão a encontrar é que há, com o novo espírito de liberalização e com o novo acesso a meios que os portugueses vão tendo, uma enorme complexificação e uma enorme criatividade. Por exemplo: eu tenho estado a trabalhar sobre os barros das Caldas e descubro que há formas novas, que há uma criatividade nova, que aquilo que nós pensávamos serem aspectos locais vagamente primitivos da vida cultural portuguesa (e isto já não nós, mas os nossos antecedentes), afinal já não o eram, porque, em contextos de desenvolvimento tecnológico e cultural, as pessoas estão a encontrar novas formas de se exprimir, ainda dentro dessa herança que elas vão alterando mas que vão reencontrando. E, portanto, penso que o que é importante nós compreendermos é que, de uma forma ou de outra, a vivência cultural é um contínuo que não tem um princípio, não tem um fim, e não tem uma essência. E então, não há uma essência da cultura portuguesa, assim como não há uma essência das culturas locais; mas há um processo de recriação. Gostava de ligar este tema com uma preocupação que tem sido aqui muito presente em relação à educação: nós, no presente momento em Portugal, estamos a seguir um processo de desenvolvimento tecnológico muito acentuado (e penso que é um fenómeno que nenhum de nós porá em causa). Mas não estamos a criar as condições para sermos nós próprios quem consegue, no futuro, controlar os meios de operação dessas tecnologias que estamos a adoptar. E, portanto, eu penso que de facto temos que nos preocupar muito com que estamos a tornar-nos cada vez mais consumidores de tecnologias; e, se vamos poder continuar com esta riqueza da vivência que até agora temos tido, isso depende da possibilidade de políticas de longo prazo e não de curto prazo, em relação à educação a todos os níveis.

M. L. P.

Primeiro, queria justamente engrenar no que acabou de dizer o João Pina Cabral quanto à importância da escola. Uma pequena anedota só: no verão passado, estive cá uma família suíça na Praia das Maças; e uns dias antes de partirem estiveram em minha casa, com a criança mais nova, um rapaz de seis anos. Eu perguntei-lhe: "Então, Emmanuel, gostaste? Como é que foi a tua estadia?" E o garoto diz-me: "Oh! J'ai beaucoup aimé, mais..." A mãe, com medo do que ele ia dizer, diz-me: "Ele está um pouco chocado por ver muito lixo nas praias, nas estradas..." O garoto faz parar a mãe e diz-me: "Mais maman, c'est pas leur faute. Ils n'ont pas eu d'éducation." A história do pequeno Emmanuel tem-me feito pensar muito. ~~Por tudo aquilo que nós sabemos, penso que se há défices~~ neste momento em termos de podermos agarrar não só a nossa cultura como raiz e como pertença, mas também como projecto de futuro, tem de se dar necessariamente numa transformação radical do que para nós significa a educação, que é muito mais do que a reforma do ensino. ~~laqui estão tantos professores e sabem isso melhor que eu)~~ Em todo o caso penso que como diz

H 6/S

H 6



há pouco tempo um grupo de dirigentes latino-americanos numa reunião em Washington, "O primeiro investimento que interessa aos países que tentam recuperar na corrida ao desenvolvimento é o investimento social". Este investimento é aquilo que realmente vai dar fruto a médio e a longo prazo.

H0

~~Isto era só um parêntesis antes de retomar os dois blocos que já tratámos esta tarde e o terceiro bloco que tínhamos no programa que julgo que fica para a próxima jornada desta iniciativa. Quanto ao primeiro, estou muito grata aos intervenientes no diálogo que referiram a cultura como formas de comportamento, como modos de viver, como estética de vida, porque penso que é importante que tenham sublinhado (e isso esteve em filigrana, penso eu, nas intervenções da manhã) a cultura como aquilo que o velho Paulo Freire dizia a alguns de nós antes do ~~vinte e cinco~~ de Abril ~~le incansavelmente fazemos disso a~~ ~~nosso mote~~: "a cultura é um acrescentamento que o Homem faz ao mundo que não fez". Nesse sentido, o sujeito da cultura não são só os notáveis que o nosso caro Eduardo aqui citou; são, como o Jorge Dinis disse, todos, mesmo aqueles que aparecem de uma forma completamente anónima. Isto tem a ver também com a relação do povo português com o trabalho, com as ~~nosas~~ relações entre pessoas, as ~~nosas~~ relações com as coisas, com os acontecimentos, com a ~~nosas~~ própria visão da História, com a nossa atitude (por exemplo, porquê uma tal unanimidade em relação ao *Lusitânia Expresso* e nunca nenhuma unanimidade em relação às causas imediatas que estão ao nosso alcance? Porquê?). Neste sentido, eu creio que ficou por analisar, mais em profundidade, esta dimensão da nossa identidade cultural sujeita, sem dúvida, a tudo aquilo que aqui foi dito, quer pelas nossas partidas, quer pelos fluxos de informação e de imagem de novos objectos que entram no nosso espaço. Fundação Guadiana e Futuro todos os dados da nossa situação humana que me parecem carecer de mais aprofundamento entre nós.~~

1E

H0

H0

H0

H0

H0
Laurenço

H0

E agora só

~~Estava de dizer alguma coisa sobre o segundo bloco das ciências e sobretudo partir de uma constatação. Não foi por acaso que os nossos moderadores de vez em quando interromperam alguns dos intervenientes dizendo: "Mas então a pergunta?". Eu penso que estavam concertada justamente dentro da hermenêutica, dentro do significado/do contexto da própria ciência: é que não há ciência sem atitude interrogativa. E nós, e talvez aí a política nos tenha feito muito mal, temos uma atitude sempre de confronto com o outro, que é situarmo-nos numa afirmação categórica e definitiva. Só pode saber alguma coisa aquele que pergunta. ~~7~~ Sophia de Mello Breyner diz muito bem essa nossa atitude fundamental: "la e vinha e a cada coisa perguntava que nome tinha". E quisesse dizer qual é o fundamento da atitude perante a ciência, e dum identidade portuguesa perante a ciência, teria que sublinhar estas duas linhas da Sophia. E isso significa interrogar a realidade mas deixarmo-nos também interrogar por ela.~~

H0

H0 colocam-se

1 no levq

H0

H0/S

Volto à questão, que já foquei esta manhã, da presença proporcional das mulheres e dos homens aqui, porque à tarde, no momento de maior densidade populacional, estiveram aqui cento e duas mulheres e trinta homens, o que quer dizer: vinte e dois por cento de homens para setenta e oito por cento de mulheres. Os sociólogos e antropólogos que estão aqui poderiam ter arranjado uma ficha muito simples a perguntar "por que é que veio"/"que ocupação deixou para poder estar aqui"/"n que é que o levou a escolher esta actividade para hoje". Ahn

H0

numero de presenças

1,

1"

que poderíamos concluir daqui. ~~Coisas~~ extremamente interessantes, não sei o que,

tenho algumas ideias.

Penso que essa interrogação é fundamental na ciência. ~~Estou a dizer isto~~ ^{Como diz}

~~porque falou disso~~ o Eng. Moniz Pereira: a ciência só é compreensível e só

H verdade

contribui de facto para a ~~veracidade~~ e para o bem estar dos homens quando é entendida e vivida como cultura, e não como uma separação radical face às manifestações humanistas da cultura. Para o nosso país penso que é extremamente importante a utilização dos conceitos das ciências

~~experimentais ou~~ ditas exactas como veículos de pensamento da nossa linguagem corrente. ~~Eu~~ pertence ~~ainda~~ à geração ~~que trabalhou~~ ^{contemporânea do} princípio da energia nuclear e lembro-me que quando alguns começámos a utilizar a noção de "massa crítica", imediatamente alguém perguntava: mas o que é que isso quer dizer? E hoje a gente não está em sítio nenhum em que não fale do conceito de "massa crítica" com o entendimento da reacção em cadeia em que a "massa crítica" é um elemento indispensável para a libertação de energia nuclear. Penso que essa expressão, como muitas outras, entrou na nossa linguagem, mas nós temos uma certa barreira a essa entrada de conceitos das ciências, ditas exactas ou experimentais, no nosso próprio pensamento. Isto leva-me a dizer que a ciência portuguesa, se ela existe, ou a ciência em Portugal, precisa necessariamente, para se impor como cultura, duma circulação entre as várias formas do conhecimento, circulação não só dos conceitos, como os exemplos muito simples que acabo de referir, mas também dos paradigmas. Se nós vamos fundo aos paradigmas de todas as ciências, humanas ou exactas, acabamos por encontrar os mesmos paradigmas ou os mesmos modelos, que são fundamentais. E é nesse sentido que a cultura também se pode enriquecer. Não foi por acaso, e é curioso notarmos, que ~~a~~ ^{Fundação} ~~em~~ ^{para} ~~o~~ ^o ~~estruturou~~ ^o ~~em~~ ^o ~~1979~~ ^o ~~um~~ ^o ~~dos~~ ^o ~~governos~~ ^o ~~teve~~ ^o ~~um~~ ^o ~~Ministério~~ ^o ~~da~~ ^o ~~Ciência~~ ^o ~~e~~ ^o ~~da~~ ^o ~~Cultura~~ ^o ~~que~~ ^o ~~ainda~~ ^o ~~vingou~~ ^o ~~em~~ ^o ~~1980~~ ^o ~~mas~~ ^o ~~que~~ ^o ~~desapareceu~~ ^o ~~rapidamente~~. O objectivo foi então, justamente, integrar a ciência e toda a expressão científica como forma de presença cultural no mundo. Aqui neste ponto gostava apenas de dizer que enquanto as ciências que eu considero exactas têm esta dificuldade de ~~dar~~ ^{dar} a nossa expressão cultural, há uma ciência que se baseia (sem ofensa para os economistas presentes) na adição e na subtração, que é a economia, uma ciência exacta bastante simples e que, no entanto, está a tentar substituir a Filosofia enquanto visão de conjunto, enquanto categoria última das nossas representações mentais e dos nossos objectivos na vida. Basta ~~dizer~~ ^{dizer} como as

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15/15

15/15

H ouvir

H: a

15/15/15

a dizer que somos ponte entre o Norte e o Sul. Somos ponte no nosso imaginário, mas no concreto da criação cultural, do posicionamento político, da afirmação e da descoberta de soluções novas para problemas que são de uma imensa complexidade, nós estamos a ficar à margem. E nesse sentido, queria pegar no que disse também o Jorge Dinis há bocado. É certo que os intelectuais discutem questões destas entre si, é certo que a sua voz não é conhecida; mas eu não queria deixar de dizer uma coisa, que é negativa, mas é uma realidade da vida: há muitos intelectuais ou muita gente que trabalha com conceitos e com ideias no nosso país que não tem nenhum acesso aos meios de comunicação social. Para isso, temos todos que ser sujeitos de uma identidade cultural em que a liberdade não seja só um *slogan* para usar uma vez por ano.

E. L.

Quando recebi o convite, que agradeço agora no fim, dos organizadores desta mesa que não é redonda mas parece um círculo dolmênico (eu dei uma configuração que nos pode levar para as nossas próprias raízes, anteriores à chamada cultura portuguesa enquanto tal, uma espécie de cultura druídica, lendo o texto estranhei vagamente aquelas ideias que a gente diz que tem atrás da cabeça e depois não passam realmente para o consciente, estranhei que se pusesse a questão "existe uma cultura portuguesa?". Ao fim da tarde e durante todo o dia verificarei que a questão não só não era inocente mas era já uma resposta. Era uma resposta que vem de um discurso preciso, foi o discurso dominante nestas intervenções, porque a organização é de Antropologia e são os antropólogos que estão aqui em maior representação. Portanto, é do discurso da Antropologia que nasce esta questão, nada inocente, se "existe uma cultura portuguesa?". E a resposta é não. Não, já antecipadamente, não. Não, porque se existisse uma cultura portuguesa, quer dizer, se fosse possível de algum modo simbolizar ou mitificar ou aceitar que existe uma cultura portuguesa, entrar-se-ia num outro tipo de discurso ao qual os antropólogos, por definição e por princípio, têm de ser naturalmente hostis e que, de algum modo, destabilizava a própria função do antropólogo, porque entrávamos no simbólico, entrávamos imediatamente no mito e não chegávamos àquilo que é o paraíso do olhar antropológico, que é a percepção do particular, do singular, da diferença. Ora, a diferença existe em relação àquilo que não é diferente, que tem portanto um conteúdo, que tem o mínimo de identidade ou de auto-identificação. E se, por outro lado, se substantifica, aqueles que fariam em identidade são acusados de substancializar ou de ontologizar, se assim se pode dizer, a noção de identidade. Mas, ao contrário, eu faço a crítica ao antropólogo e digo que ele é que mitifica ou substantiza a diferença enquanto tal. Ora a diferença igualmente é infinita em percorrer. Porque, em última análise, os grupos e os comportamentos que os antropólogos estudam, se passam pelo comportamento grupal, passam pelos indivíduos, e o indivíduo como tal é objecto não de um discurso mas de uma apropriação da sua realidade

